

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Trabalho, Educação e Luta de Classes na América Latina

Gaudêncio Frigotto

UERJ

Eu começaria salientando duas passagens: uma do historiador Eric Hobsbawm, e outra, de um filósofo brasileiro, Leandro Konder. O Eric Hobsbawm diz o seguinte: “Os socialistas estão aqui para lembrar ao mundo que em primeiro lugar devem vir as pessoas e não a produção. As pessoas não podem ser sacrificadas”. Esta passagem tem um sentido radical nestes tempos em que Istvan Mészáros, nos mostra que o capitalismo real esgotou sua parca capacidade civilizatória. Então, nunca se sacrificou tanto as pessoas em nome da concentração de capital, de ciência técnica e de extração de mais-valia, nas mãos de cada vez menos gente. Concentram-se em corporações hoje, em poucas corporações, a maior parte da riqueza do mundo. Corporações que são muito mais poderosas que dezenas de nações juntas no mundo. A segunda passagem que destaco, de Leandro Konder, diz que:

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

“Toda sociedade vive por que consome; e para consumir, depende da produção. Isto é, do trabalho. Toda a sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a. Não há sociedade sem trabalho e sem educação”.

Talvez pudéssemos introduzir o tema que me foi solicitado nesta abertura, tema do livro *Educação Para Além do Capital*, pequeno livro, pequeno grande livro, contracenando com o grande livro, do ponto de vista do tamanho, *Além do capital* de Istvan Mészáros. O Mészáros nos diz: “A educação tem duas funções principais em uma sociedade capitalista: a produção das qualificações necessárias ao funcionamento da economia e a formação de quadros e a revelação de métodos para o controle político”.

Entretanto este mesmo autor mostra que porque vivemos em uma sociedade de classes e, portanto, em uma sociedade de antagonismos de classes e de luta de classes. Não há apenas reprodução de quadros para alimentar a extração da mais valia e meios para o controle político. Há também a perspectiva da construção de relações sociais e educativas de produção de sujeitos emancipados, ou seja, onde o livre desenvolvimento de cada um seja o livre desenvolvimento do gênero humano.

Creio então que, para mim, a diferença deste seminário – o V Seminário do Trabalho, organizado pela RET (Rede de Estudos do Trabalho), se demarca neste ponto. E por isso, que o seminário também não é o lugar para agente pontificar, de vir com muita certeza. É o lugar de problematizar, é o lugar de fazer o pensamento pensar, é o lugar de desafiar. Há pouco tempo eu estava lendo uma crônica de um dos poucos autores que eu consigo ler com tranqüilidade nos jornais. Lamentavelmente escreve pouco atualmente e se chama Luiz Fernando Veríssimo. Para mim a pessoa que consegue em uma página problematizar a realidade brasileira. Em uma crônica, de não muito tempo, depois de

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

participar do Festival de Literatura de Parati, ele escreveu uma crônica sobre ler a realidade. E essa crônica é motivada por uma pergunta de um aluno em uma exposição que ele fez para alunos do nível médio neste congresso internacional de literatura de Parati. Após a conferência, obviamente os alunos de nível médio são curiosos, perguntam o seguinte: como é que você faz para escrever? Como é que você escreve tanto? Qual é seu time de futebol? Ao lado destas, vieram também as perguntas que preocupam os jovens, mas uma das perguntas lhe causou estranhamento. O jovem lhe perguntou: Veríssimo, você tem certeza que sabe ler? Uma pessoa que lê tanto, que devora livros, que escreve tanto, achou, de início, aquela pergunta uma provocação. Mas depois disse: olha, se ler é juntar as letrinhas, disse, eu leio muito e junto muito bem. Agora, se por ler você entende ler a realidade e interpretar a realidade, aí eu tenho dúvidas.

Eis a questão: parece-me que vivemos em um tempo em que, como diz Galeano, quando nós pensávamos que tínhamos quase todas as respostas, mudaram as perguntas. E por isso que eu pretendo aqui trazer para vocês, mais perguntas do que respostas. Não me nego a ter uma posição sobre as questões que estão aqui, mas esta é, talvez, secundária.

Eu vou abordar quatro pontos sinteticamente. Um primeiro ponto diz respeito a três dimensões que afetam esta relação trabalho, educação e luta de classes na América Latina, que é o determinismo tecnológico.

O segundo ponto é perguntar-se que tipo de sujeito de classes foram se conformando ao longo do século XX na América Latina (partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais) e que vínculos eles têm com as classes fundamentais, e como este próprio conceito de classes é um conceito que é, do ponto de vista do sistema capital, levado ao esquecimento como luta ideológica; mas também a própria dificuldade no campo marxista em enfrentar este conceito historicamente.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O terceiro ponto é nos perguntarmos porque os avanços que nós conseguimos, nesta relação trabalho e educação na década de 1980 tiveram refluxo radical profundo na década de 1990. Afinal de contas, o que significa a vitória, entre aspas, das políticas de Paulo Renato no Brasil e na América Latina, as políticas neoliberais? É só força da direita ou é também limite nosso da esquerda?

O quarto ponto trata do ponto de vista do pensamento, isto é, como desafiar o pensamento no campo da teoria e no campo da política. Seria este o esquema que eu gostaria de trazer aqui para conversar com vocês.

Em relação ao primeiro ponto, é importante dizer que, paradoxalmente, quanto mais violenta a relação de classe, mais invisível ela tem se constituído no campo fenomênico. Então, quem transita além do campo fenomênico e tenta analisar a expressão de mutilação de milhões e milhões de seres humanos até do direito do trabalho explorado, do trabalho alienado, a precarização do trabalho, nunca a violência de classes foi tão patente e nunca se negou tanto a existência de classes.

O ponto de vista do determinismo tecnológico no campo dominante é a própria idéia de apagar a dimensão e a perspectiva de classes. Aliás, esta não é uma novidade. Historicamente não se reconhece a existência da própria sociedade de classes. Nos tempos em que nós vivemos se fala da sociedade do conhecimento, na sociedade pós-classista, na sociedade pós-industrial, na sociedade do ócio produtivo e do desenvolvimento sem trabalho que é a tese do Domenico De Masi, revisitada por vários autores e bem revisitada criticamente.

Esse ideário, aparentemente inócuo, na verdade penetra de forma bastante forte nas consciências médias. Mesmo no debate na graduação e na pós-graduação é muito freqüente encontrar estudantes dizendo: evidentemente agora estamos na sociedade do conhecimento.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Todo mundo pode conhecer, a Internet está aí, os conhecimentos podem ser acessados no botequim, no aeroporto, na rodoviária.

Entretanto, primeiro: não se dá ao trabalho de fazer um levantamento histórico e empírico para ver quantos acessam, por exemplo, em um país em que nós vivemos em que os maiores Programas são de “fome zero”, dentadura para trinta milhões de pessoas e documentos para quarenta milhões de pessoas, deixando magnitudes que a ideologia consegue borrar na consciência até mediana do ponto de vista do efeito letal destas perspectivas.

De outro ponto de vista, eu verifico que, como diz historiador Eric Hobsbawm, nunca se industriou tanto; só se industriou de modo diferente, mas nunca a humanidade industriou tanto e desenvolveu a capacidade de industrializar. E como é que algumas pessoas dizem que nós vivemos em uma sociedade pós-industrial? Confundindo a forma de industrializar com o próprio fato de industrializar. Então este é um aspecto que me parece que nós não podemos subestimar. Ele atinge uma marca não desprezível do pensamento na América Latina.

Qual é a contrapartida disto para o campo da educação? A pedagogia das competências para empregabilidade não é uma formulação inocente e nem os vários seminários da Unesco são inocentes. Não são maquiavélicos, mas como diria o próprio Marx. O problema da burguesia não é ser maquiavélica, é ser burguesa, porque presos às suas representações burguesas, os economistas, os sociólogos, os políticos, os filósofos burgueses, vêem de dentro como funciona o sistema capitalista, mas não vêem seus fundamentos. Então, este é um aspecto que me parece importante debater e analisar. O determinismo científico que inibe as relações sociais, que inibe que a ciência e a técnica é

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

uma relação social, é fruto na sua decisão, no seu desenvolvimento e na sua aplicação de luta, de divisões e de disputa.

Esse determinismo então gera este patamar de uma relação mecânica entre o mundo do trabalho e a educação. Mas este determinismo atinge um campo que podemos chamar de esquerda, o campo da teoria mais crítica que mescla, como diz Chico de Oliveira, uma visão escatológica de Marx, ou uma visão idealista de Marx, aos parâmetros ou aos elementos básicos do que se chama a cultura pós-moderna, que Jameson define como “a cultura do capitalismo tardio”.

Como se manifesta isso? Manifesta-se, primeiramente, nas teses do fim do trabalho, confundindo a forma que assume o trabalho com o fim do trabalho na sua dimensão ontogénica. Ou então, abstrair da relação de trabalho, como faz, por exemplo, o filósofo importantíssimo (talvez o maior filósofo do século XX), pelo menos na apreensão que faz Perry Anderson, se chama Habermas, muito conhecido e tem que ser discutido, lido. Mas porque Habermas tem que abrir mão do conceito de trabalho e de classe? Por que se não ele não consegue construir a sua teoria da ação comunicativa e de uma ação dialógica baseada especialmente da tese de que a verdade está no melhor argumento e ao prescindir do embate de classes nós vamos ver também que os melhores argumentos são aqueles que também têm os melhores instrumentos de dominação ideológica, política, cultural, psico-social, etc.

E onde se manifesta, de outra forma, o determinismo tecnológico? As teses, por exemplo, do grupo Crisis, as teses do Robert Kurz, que são teses que tem elementos que podem ser incorporados na análise crítica, mas por sua visão escatológica, como diria Chico de Oliveira, acabam também substituindo o embate de classes por mais invisíveis que sejam por uma espécie de “juízo final”, de uma razão sensível. Seria a razão sensível

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

que, de repente, multidões entram em alfa e resolvem fazer a revolução. Para mim é uma literatura sobre a qual nós somos desafiados a dialogar criticamente e superar, se for o caso, como diz o Gramsci, incorporando, de forma subordinada, elementos que trazem estas análises.

Uma literatura também fortemente divulgada, hoje são as obras do Negri, que também inibem o conceito de classe e substitui pela multidão. E aí, onde está o ponto desta síntese que quero fazer destes dois âmbitos do determinismo tecnológico? Aonde é que está, para mim, a questão sobre a qual podemos e devemos avançar? Estes autores até mesmo postulam o fim do trabalho abstrato sem o fim do capitalismo. Porque separa aquilo que não é separável. Trabalho objetivado é trabalho. Trabalho objetivado em ciência técnica, é trabalho. É expressão do trabalho subjetivo, isto é, é expressão de mais valia explorada. Então, se nós temos hoje uma diminuição do trabalho subjetivo, isto é, de trabalhadores engajados no processo produtivo e temos uma hipertrofia do trabalho objetivado, isto é, trabalho morto, trabalho em forma de ciência e técnica sob comando do capital, isto não significa nem que desapareceram as classes, nem que é o fim do trabalho e nem que desapareceu o trabalho abstrato. Apenas é uma composição de forma diferenciada de como o capital subsume o trabalho. Trabalho morto objetivado e trabalho vivo, os dois são trabalho, frutos do trabalho humano. Eu acho que este ponto é o que está desafiando o nosso pensamento a não cair nessa dicotomia de separar o trabalho morto que é trabalho subjetivo, mas objetivado e um quantum de trabalho necessário.

Finalmente, neste primeiro ponto, relativo ao que denomino aqui os diferentes determinismos tecnológicos, tem um ponto que vale a pena talvez revisitar é exatamente a dificuldade que nós temos de trabalhar então dentro deste contexto e dentro do campo marxista o próprio conceito de classe e classe social. No livro *democracia contra o*

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

capitalismo, a reinvenção do materialismo histórico, Ellen Meiksins Wood traz uma problematização importante, e ela traz essa problematização exatamente no diálogo crítico entre marxistas de um pensamento robusto: Perry Anderson e Thompson. E qual é a questão que está posta? Se nós entendemos a classe como um local ou como uma forma, uma estrutura, ou a classe enquanto uma relação social.

A classe enquanto um local, enquanto uma estrutura, toma um elemento amplo desde os funcionalistas que aí nós definimos classe alta, classe baixa e classe média. E aí onde é que fica o corte de antagonismo. Então por aí, na visão estruturalista, na visão funcionalista, esta visão utópica, geográfica, estruturalista de classe, não nos ajuda a ver o antagonismo de classe. Mas nós também podemos ter no próprio terreno de determinados marxismos, um reducionismo de classe a sua estrutura.

Neste aspecto, Ellen Meiksins Wood chama atenção para o conceito de experiência em Thompson, como uma mediação entre o ser social e a consciência social. Formulando de outra forma: milhares e milhares de trabalhadores são classe trabalhadora sem ter consciência de classe. Então a questão que Thompson se coloca é como no processo histórico as pessoas não tendo consciência de classe estabelecem experiências que são importantes na luta de classe e como elas vão constituindo a consciência de classe. Eu vou dar um exemplo: se vocês tomarem o MST. É um movimento de classe? É um movimento de classe. Os 20 milhões de participantes do MST, têm consciência de classe? Não necessariamente. Os líderes sim. Pois Thompson trabalha com este tipo de universo, trabalha com educação popular e vai estar interessado então em ver como a classe é um processo histórico e a classe se define no antagonismo capital e trabalho, mas isto não nos define como em sociedades diversas, em tempos históricos diversos, se constitui movimentos de classe e lutas de classe e consciência de pertencimento de classe.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Como se constituem então efetivamente uma consciência de classe não omitindo o processo histórico de entender que a classe é fruto de uma realidade em que se constituem proprietários de meios e instrumentos de produção e exploradores e aqueles que vêm sua força de trabalho manual, intelectual, afetiva, emocional, em fim, vendem o seu corpo e sua mente. Este seria um primeiro aspecto que eu gostaria de trazer. Eu articulo a idéia do determinismo tecnológico. O determinismo tecnológico também afeta o mecanicismo no campo crítico.

O segundo ponto é pensar nos sujeitos políticos e, portanto, sujeitos de classe. Porque no Brasil começa a adquirir novos significados o movimento negro e porque se critica tanto o MST? Nada mais do que um novo sujeito de luta e de interesses de classe na sociedade brasileira. Até que o movimento negro era um movimento cultural de uma pequena elite, ele era muito bem absorvido e até muito bem mercantilizado. Quando ele se torna um movimento de massa, e aí até o próprio debate das cotas é um debate absolutamente mal focado, porque é contra ou a favor, mesmo entre a nossa intelectualidade de esquerda. Muitas vezes nós não nos damos conta do que significa uma luta política. Obviamente nós temos que questionar o movimento negro que o problema não é um movimento de pele, ainda que um movimento de pele tenha sentido no Brasil. Mas esta é uma questão política. Ele tem que ir além, porque a classe não tem pele, ainda que no Brasil a classe explorada tenha mais cor.

O que significa o desencanto da esquerda com o governo Lula? Eu acho que a história nos ajuda a refletir. O historiador Eric Hobsbawm tem vários textos e dois deles me impressiona muito. Um deles faz um balanço sobre o que é que foi a derrota do socialismo realmente existente. Derrota (eu sublinho) não significa fracasso. O século XX foi marcado pelo socialismo e ainda o socialismo do século XX continua demarcando. Então derrota é

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

uma coisa, fracasso é outra coisa. E em um texto seguinte que diz: renascendo das cinzas. Talvez esta analogia valesse, e ele mesmo nos ajuda para entender a nossa realidade latino-americana. E talvez o que nós o que precisamos mais aqui no Brasil, é a realidade brasileira. No primeiro texto traduzido (foi uma entrevista que ele deu na Espanha) ele se pergunta: adios movimento obrero? Ou seja, adeus movimento trabalhador? Adeus à classe trabalhadora? O texto responde negativamente: não. Entretanto, eles nos desafia a entender que tipo de classe trabalhadora foi se conformando e que tipo de sujeito político foram se formando especificamente na América Latina.

Após colocar cinco pontos do que considerava os partidos de classe comunista e socialista constituídos antes da Primeira Guerra Mundial, ele vai dizer que depois da Primeira Guerra Mundial, praticamente não surgiu nenhum partido de classe, salvo a China (em certo sentido), o Irã (em um certo sentido). Ela vai dizer que surgiram partidos de massa. E cita três: Solidariedade na Polônia, Peronismo na Argentina e PT no Brasil. Para mim é uma assimilação muito interessante, também (e aqui eu tenho especialistas no campo do sindicalismo – vejo aqui várias pessoas que defenderam tese sobre isso) do tipo de sindicalismo que foi se configurando, se um sindicalismo de sujeitos e partidos que tenham uma perspectiva de classe, mas não enquanto perspectiva hegemônica enquanto a luta das classes fundamentais.

Eu acho que esta dica do Hobsbawm nos permite entender o Partido dos Trabalhadores sem moralismo condenatório e sem ufanismo bajulatório, no próprio terreno que nos compete. Como diria Antonio Cândido: “tentar colar nas idéias”. Por mais doloroso que seja descobrir que nós fomos inocentes. Eu me coloco dentro disso. O que significa que nós não temos criado alternativas além do operário Lula, hoje presidente da República, que diz: “eu nunca fui socialista”, eu fui sindicalista. Que significa isto? E porque nós não

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

víamos isto? Ou quem via, não escrevia isto naquela época. Foi escrever agora, o que também, é mais cômodo, não é mesmo? Válido se fosse escrito naquela época, porque se não chamar que tinha onisciência naquela época e não ter escrito, é no mínimo, ter sonogado uma análise em um tempo em que se poderiam prever coisas.

Então, na verdade o que o Hobsbawm está dizendo é que os partidos políticos: Peronismo, Solidariedade, o PT e o próprio sindicalismo que aí decorreu tinha pouco vínculo com uma visão radical de classe, no sentido de classe revolucionária. Eu acho que isso não significa que muitos componentes do sindicalismo argentino, brasileiro e polonês e dos partidos que se constituíram a partir daí, não tivessem como perspectiva a luta de classes. Mas do ponto de vista da força que pode mover a mudança na sociedade, creio que isto é uma sinalização importante.

Do ponto de vista do sindicalismo, a provocação do Chico de Oliveira é mais dura ainda, quando ele diz: “do ponto de vista programático, não há diferença entre os economistas, clones de banqueiros da PUC do Rio de Janeiro e os sindicalistas que são os coordenadores dos fundos de pensão ou aquilo que se chama a nova classe”. A nova classe é formada por clone de banqueiros e por sindicalistas que são os gestores dos fundos de pensão (Poulantzas, em um texto chama atenção exatamente para este tipo de classe que se constitui uma classe dentro do Estado, que toma o poder do Estado e que faz do Estado o seu patamar de poder e, no caso, de enriquecimento).

Então me parece que este é um aspecto de pensar: quem são os sujeitos? Por outro lado, os movimentos sociais, e com ele o movimento negro, tampouco (e aí voltando à Thompson) tampouco a experiência de classe significa que há dentro deles, enquanto movimento uma consciência de classe vinculada à uma luta revolucionária e etc.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

6:41

Há muito tempo em um seminário sobre educação popular em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, eu estava com João Pedro Stedille, que foi meu colega de internato. O João Pedro provoca muito a academia. No Fórum Mundial de Educação eu vi muitos colegas revoltados porque fez críticas duras à universidade e ele até contou uma piada de que um consultor veterinário foi tentar tratar as ovelhas de um fazendeiro e o cara trouxe cachorros e ele vacinou os cachorros e aí fizeram uma aposta para mostrar que o consultor não distinguia cachorro de ovelha. Ele fez esta analogia para dizer que muitas vezes a visão que nós temos do movimento do MST é uma visão da universidade que, tanto do ponto de vista de “diabolização” deste movimento, quanto “endeuzação”, não conhece este movimento. E neste debate em Passo Fundo ele colocou que o MST tem três cerca: a cerca do latifúndio que eles aprenderam a romper e tem estratégia militar para isto, e o faz; a cerca do capital que nem o MST e nem os trabalhadores do mundo todo tinham conseguido romper; e a cerca da ignorância que fazia daquele militante do MST quase um animal.

Essa é a expressão pessoal dele. Então ele diz: não há como sublimar e, portanto, poderíamos também dizer que o MST é um movimento sem dúvida de classe, é o que mais explícita e é faz ações de classe. E sua liderança tem uma visão muito clara disso, mas estes 20 milhões de sem terra, a sua grande maioria, não têm consciência de classe. E aí o papel da educação, da cultura, da militância, do diálogo ou daquilo que Gramsci chamava atenção de que repetir para o elemento popular verdades historicamente sedimentadas é fundamental. A primeira é a Igreja Católica que repete sempre a mesma coisa, ou da Igreja Protestante ou da Igreja Universal, a religião mercadoria que anda por aí. Repete, repete, repete e se não dá cinco pratas, Deus mata. Não tem céu. Tem a poupança celestial.

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Também se repete muito que trabalhador produtivo, neste ponto de vista, é aquele que faz bem feito que, de preferência não pensa, delega função os outros pensar. É aquele que aceita a tese da separação do Banco Central da política como a grande política, ou talvez a única política, ou a política fundamental da nossa sociedade que não pode ser aquela feita pelo Banco Central. Como disse Chico de Oliveira, a moeda, nesse sentido, é a política.

A pergunta que poderíamos colocar é o seguinte: devemos colocar o debate na área de trabalho e educação na perspectiva de educação politécnica ou de uma educação tecnológica no sentido de tecnologia entendida como valor de uso e extensão de sentidos e membros humanos? E, portanto, socialismo é por excelência sociedade tecnológica. Qual era o fundamento que se tinha no debate trabalho e educação para se pensar o trabalho como princípio, o elo, o trabalho na sua dimensão onto-genética ou ontológica como mediação para pensar a relação trabalho e educação?

Primeiramente, sem dúvida nenhuma, havia uma demanda e há demanda, ainda que pequena, da própria formação de uma sociedade urbana e industrial no Brasil que exige um patamar de pequenos grupos de trabalhadores com um nível de formação qualitativamente diverso. Então, isto é expresso pelos intelectuais do capital como uma educação polivalente. Vários textos saem dizendo que o Brasil está precisando de trabalhadores polivalentes.

Uma segunda dimensão era a própria movimentação dos movimentos sociais, do sindicalismo de classe e das frações de partido de classe na luta contra ditadura. Então houve um alento para colocar a tese da educação politécnica no Brasil. Ora, como explicar o refluxo, ou como explicar praticamente a ausência deste debate e especialmente a ausência de experiências que fossem nesta direção na década de 1990? Todas as

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

experiências populares foram muito mais que um elemento cultural, sem desprezar isto, do que do elemento da formação de classe: Escola Cidadã de Porto Alegre, Escola Plural em Belo Horizonte, Escola Candango em Brasília, Escola Indígena do Zeca no Mato Grosso. Todas as experiências de educação na década de 1980 para 1990 dos governos populares, não colocam nem o problema de classe, nem o problema de trabalho como elemento organizador curricular, ou um dos elementos sequer. Colocam a dimensão cultural ou a dimensão da cidadania. A própria noção de cidadania pode ser o mascaramento da violência de classe porque ao dizer que todos somos cidadãos eu não estou dizendo que somos todos iguais. Então, para entender este refluxo, os pontos que eu coloco são, primeiramente, a pouca densidade das nossas categorias analíticas para entender a própria formação capitalista brasileira, para ver que a realidade que está aí é muito mais opaca, e que portanto, uma experiência mais generalizada, de uma escola que, dentro das contradições do capitalismo aponta para uma nova sociedade, era mais dura do que pensávamos.

Talvez nós não prestamos atenção aos clássicos das ciências sociais no Brasil, tipo Caio Prado, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Chico de Oliveira, Werneck, para citar alguns, que mostraram que aqui no Brasil, no século XX, houve uma disputa de três projetos, todos eles dentro da ordem capitalista, ainda que um deles detivesse uma perspectiva de classe. Um projeto que foi o dominante, que é o projeto monetarista e de ajuste fiscal, que vai desde Prudente de Moraes até Guido Mantega, para sermos justos. Um outro, nacional-desenvolvimentista, que passa por Getúlio, por setores militares, por algumas franjas do Juscelino, etc. e um projeto de uma economia, e de um projeto de desenvolvimento de massa, de desenvolvimento de uma economia nacional, incorporando grandes massas de

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

trabalhadores e, portanto, também dentro deste projeto, a luta de socialistas e comunistas e, portanto, daqueles que querem ir além do capitalismo.

A década de 1990, como anunciou Octávio Ianni no livro *Desenvolvimento social no Brasil de 1930 a 1966*, se não me engano, o pêndulo, ora pendia para o nacionalismo, ora pendia para uma dependência subordinada. O pêndulo na década de 1990 pendeu para uma dependência subordinada, ou seja, a burguesia brasileira optou por um desenvolvimento dependente e associado, onde pequenos setores se integram à economia mundial, especialmente no capital financeiro e a grande massa fica para gambiarra, isto é, as políticas focadas. E, portanto, há uma definição estrutural na sociedade brasileira na divisão internacional do trabalho, para um trabalho simples e não um trabalho complexo. O trabalho complexo, as fatec's, o Senai, as engenharias, as universidades, vão formando estes quadros. Boa parte da força de trabalho qualificada, no Brasil, vai se empregar em empregos desqualificados no exterior porque não encontra mercado, ou seja, na metáfora de Chico de Oliveira, o “ornitorrinco” se consolidou. Ema economia e uma sociedade que se produz pela desigualdade e se alimenta da desigualdade.

Então, este terreno estrutural é que, por um lado, se tornou opaco a necessidade do desenvolvimento de escolas até mesmo tipo as escolas técnicas federais. Paulo Renato, no decreto 2.208 desestruturou o pouco nível médio que nós tínhamos. No último censo, 48% dos municípios brasileiros diminuíram a quantidade de matrículas no ensino médio, contrariando exatamente as tendências dos países do capitalismo central em que há um prolongamento do nível médio.

Portanto, o que eu estou dizendo é que a nossa teoria social com a teoria educacional foi pouco potente para captar este movimento cada vez mais opaco da própria decisão, digamos, das classes dominantes, da burguesia brasileira ao configurar este

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

capitalismo que é um capitalismo desenvolvido e subdesenvolvido de forma combinada. Pequenos setores integrados e a grande massa tratada com políticas sociais.

Então o que eu quero trazer é que talvez o que nos questione é o próprio campo da realidade teórica. E aí o velho Lenin dizia: sem teoria revolucionária não há possibilidade de revolução. O diagnóstico é fácil. Nossa potência teórica precisa ser desafiada, precisa ser mais radical e, portanto, discernir o processo histórico no qual estamos metidos no Brasil e na América Latina.

Como “renascer das cinzas”, para usar a metáfora do historiador Eric Hobsbawm ? Eu acho que nós temos um duplo desafio: um é teórico, este que aponto. E aí, sem dúvida nenhuma, nós temos que encontrar caminhos de ampliar o campo de pessoas que tem uma visão histórica da realidade, ou, se queira, materialismo histórico. Se é histórica é materialista, senão não é histórica. Uma “análise histórica”, não necessariamente é histórica. Pode ser linear, pode ser metafísica, pode ser determinista, não é mesmo? Então o que é uma análise histórica? Aquela que é capaz de transcender o fetiche ou o mascaramento ideológico. É aquela que é capaz de desvendar como os fenômenos se produzem. Quando dizemos que a pessoa foi empregada porque ele é competente ou outro porque não foi competente, esta não é uma análise histórica. É uma análise fenomênica. Eu tenho que me perguntar: quais são as mediações que tornaram aquela pessoa competente ou apetecível ao mercado, porque na realidade o que é a pedagogia das competências, se não desenvolva aquele conjunto, que agente já sabe de cor, de habilidades, de conhecimentos, de atitudes, de valores que o mercado reconhece. Pergunta-se: porque nós abandonamos tão rapidamente formar para o emprego e das pedagogias que estão nas Secretarias, 99% formam para empregabilidade? O que significa isto senão um poderoso instrumento de dominação ideológica e de classe, de pastiche e de fetiche?

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A pedagogia das competências tem um outro interesse: o empregado. O empregado é um elemento sem sujeito de classe por trás. É aquilo que Margaret Thatcher vaticinou: “eu não vejo a sociedade, eu vejo o indivíduo” Certa vez, ao viajar de avião, vi numa revista de bordo chamada Ícaro, a figura de uma mulher belíssima. Nunca tinha visto, que me perdoem as mulheres, tão perfeita. Me chamou atenção. No umbigo da mulher estava escrito: empregabilidade é o nome da segurança. Mas eu estava, me perdoem, de saco cheio de empregabilidade...eu não quero ler este texto, mas depois eu vou ler...tive que ler...eu preciso desta droga. Demorou, mas caiu a ficha. Primeiro que a mulher era uma mulher produto de computador. Esta mulher não existe, é ficção. Sem ruga, sem nada. Segundo, eu não precisei ler o texto. Empregado, ele é uma pessoa que tem o coração, a mente, as vísceras, a emoção do mercado. E o texto diz: olha, o problema de ser empregado... ser desempregado é melhor que ser empregado...começa assim...de resto...porque o empregado é um anacrônico, é uma pessoa estacionária e se você é um desempregado não é culpa da nação e nem da empresa. É uma situação em que patrão e empregado chegaram a uma conclusão que é melhor para os dois. Este é o poder da ideologia.

Em um livro chamado *Sementes do Tempo*, Frederic Jameson diz que até os marxistas, nos últimos tempos, caíram na tentação de trabalhar a antinomia e não a contradição. E em política, a antinomia é certo ou errado. Preto e branco. Não existe o processo e não existe a mediação. E aí volta com a idéia do Thompson, da importância de pensar a classe não como uma coisa, mas como um processo, como uma relação. Se nós tratamos teoricamente a compreensão de como transformar esta potência teórica em ações política, em uma perspectiva não de remediar o capitalismo, mas de superar o capitalismo.

O Chico de Oliveira diz: olha, é preciso chegar a um consenso mínimo na sociedade brasileira e latino-americana. O primeiro consenso que os marxistas e aqueles que lutam

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

pela classe trabalhadora tem que, contraditoriamente, reconstruir o Estado, mas não este Estado. Um outro Estado. O historiador Hobsbawm em um livro *O Novo Século*, chama atenção que este novo Estado tem que buscar um desenvolvimento não para o mercado, contra o mercado. O que significa isto? Isto é, hoje um Estado que lute para superar o capitalismo como mediação histórica de luta, tem que ser um Estado exatamente antagônico ao mercado, porque exatamente o mercado tomou o Estado. O que é o Estado neoliberal, senão o mercado dentro do Estado ou os poderes do Estado em função do capital. Ou seja, o Estado aumentou brutalmente. Havia uma estatística de seis, sete anos atrás, por exemplo, o fundo público que é chamado custo Brasil de dez anos atrás era de 28%. Hoje é 35%, mas na Inglaterra era 36%. Nos Estados Unidos é mais ou menos isso. Na Alemanha é 54%, na Itália 54, 55%. Na Suécia, 61%, ou seja, o tamanho do Estado medido pelo PIB, 61% do PIB é controlado pelo Estado.

Aí Hobsbawm diz: o problema a quem pensa uma mudança hoje, não vai ser nem uma ONG e nem o movimento social só. Terá que passar pela mediação do Estado.

Então Chico diz: nós temos que recuperar o Estado porque o Estado está destruindo a nação. O que significa uma pauta no campo da educação, no campo das lutas sociais, no campo dos movimentos sociais de reconstruir o Estado? No Brasil isto é uma avenida enorme.

Eu não vim aqui para dizer a verdade daquilo. Este seminário, eu sei, tem um compromisso histórico de vínculo das pessoas, das suas graduações, etc. Por ordem dessas idéias é um desafio mais do que uma fala, não é mesmo? Então, do ponto de vista político, as amarras, a estrada está a encolher. Sim, fazer reforma agrária, não é uma reforma revolucionária por culpa. A reforma agrária é uma reforma dentro do capitalismo, não é mesmo? Mas ele pode ser uma reforma daquilo que o Kosik diz: que não está aí para

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

manter a ordem capitalista, mas está aí para mudá-la, então, se nós esperamos (não estou procurando aqui o reformismo), mas como é que se constrói um processo histórico na contradição? Fazendo mudanças que não reivindicam em a ordem capitalista, mas mudanças que a enfraquecem. Quais são essas mudanças? Quais são essas mudanças na política? Quais são essas mudanças na educação? Quais são essas mudanças na cultura? Quais são essas mudanças na mídia? Qual é a importância de se discutir um vídeo, um cinema, etc., com enfim, para a cultura? É este o embate que estamos nós permitidos.

Eu concluiria com a provocação de Carlos Nelson Coutinho que diz o seguinte: talvez nós temos hoje que não trabalhar, aliás na mesma direção que aponta Hobsbawm naquele texto que aqui citei. A classe trabalhadora não é aquela do século XIX, fim do século XIX, século XX. Ande está a classe trabalhadora? Então o viés multiculturalista é o estilhaçamento da classe, a pedagogia da diferença, mesmo que a diferença seja a desigualdade e dane-se a análise histórica. Uma diferença que é fruto da desigualdade não é diferença, é desigualdade. Então, o multiculturalismo que se afirma sobre a diferença desigual é um retrocesso. Então, mas de outro lado, a classe trabalhadora está estilhaçada. Está em trabalhadores empregados, precarizados, trabalhadores... pequenos negócios hoje, as várias economias que tem aí, economia de sobrevivência, etc., etc. Então qual é a luta política disso? Na verdade é trabalhar o sujeito de classe, na direção desse sujeito de classe, enquanto classe fundamental, mas buscando, por mediações na educação, da cultura, da luta política, dos movimentos sociais, trabalhar esta intersubjetividade, do movimento negro, do movimento sem terra, do movimento das mulheres, não na ótica multiculturalista, mas na ótica de classe. É esta uma pista? Fica a pergunta.

O certo é que, como chama atenção Mirian Limoeiro, nós temos o papel do conhecimento e o conhecimento crítico é indispensável para poder fazer a contra-ideologia,

Estudos do Trabalho

Ano II – Número 3 - 2008

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

no mínimo. E é indispensável para se ter uma perspectiva propositiva. Como diz Cabral de Melo Neto, se nós entrarmos neste embate de terno branco e sairmos de terno branco, a poesia perdeu a graça, ou seja, estamos na antinomia e não na contradição.

(palestra de abertura do V Seminário do Trabalho transcrita por Arakim Monteiro)